

# A Dimensão Missionária do Batismo(\*)

Harald Malschitzky

## I — INTRODUÇÃO

Inicialmente eu gostaria de colocar uma notícia lida há poucos dias no jornalzinho da Federação Luterana Mundial. Esta notícia nos dá conta de que na igreja da Suécia cerca de quinhentos mil membros não são batizados (eu lembro que a IECLB tem um total de membros que gira em torno de 850.000). Ocorre que naquele país se nasce para dentro da igreja desde que uma das partes do casal de pais seja membro. O arcebispo Bertil Werkström declarou em entrevista recente que esta realidade lhe causa preocupação de cunho teológico, pois o batismo é constitutivo para que alguém seja inserido e faça parte da igreja(1). A notícia causa espécie. A declaração do bispo passaria quase que despercebida e certamente a proposta tem a anuência nas demais igrejas luteranas nas quais o batismo é essencial para se fazer parte da igreja. Na Suécia, porém, o arcebispo está sendo duramente criticado pelo que declarou.

Creio que esta notícia deixa claro que o batismo continua na pauta das discussões e preocupações, ainda que, por exemplo, Karl Barth(2) com sua tese polêmica contrária ao batismo de infantes e negando o seu caráter sacramental já esteja um pouco distante de nós e ainda que, entretentes, tenhamos chegado ao me-

---

(\*) Preleção inaugural apresentada no dia 10 de outubro de 1984 na Faculdade de Teologia.

(1) C. SJÖBERG, Muessen Mitglieder der schwedischen Kirche demnaechst getauft sein?, in: **Lutherische Weltinformation**, Genebra, (35):5, set 1984.

(2) Die kirchliche Lehre von der Taufe, in: **Theologische Studien**, cad. 14, Zürich, 1943. Die Taufe als Begründung des christlichen Lebens, in: **Kirchliche Dogmatik**, IV/4, Zürich, 1967.

nos a uma espécie de tolerância em nossa igreja em relação àqueles que preferem não batizar seus filhos quando crianças. Aliás, esta tolerância ao menos transparece, ainda que de forma muito tímida, no guia de vida comunitária, **Nossa fé-nossa vida**(3). Mas, continuam muitas as questões abertas, isso tanto a nível intereclesial como a nível de IECLB. Nesta casa em 1980 houve um ciclo de palestras sobre o batismo(4) e há ainda uma série de trabalhos e reflexões sobre o assunto que também foram publicados(5). Além disso, no diálogo ecumênico, o batismo é um dos assuntos, junto com a santa ceia e o ministério eclesial, em torno do qual e a partir do qual se procura, senão logo um consenso, ao menos um entendimento capaz de oferecer uma base para que as igrejas convivam e procurem por caminhos de unidade(6).

Na verdade o batismo é uma das questões que separam igrejas, sobretudo quando estas respondem unilateral e dogmaticamente, por exemplo, à questão do batismo de infantes ou de adultos. Tudo isso deixa claro o papel importante do batismo no concerto de assuntos teológicos de peso tanto nas igrejas internamente como no fórum do diálogo ecumênico.

No contexto de nossa reflexão de hoje não é possível e nem intenção entrar em detalhes exegéticos e sistemáticos, procurando responder, por exemplo, à pergunta se o Novo Testamento efetivamente conhece e sustenta a prática do batismo de infantes(7), se ele é ou não imprescindível à salvação (8) ou se, no fundo isso é indiferente (9). Se não é possível entrar nestas questões mais controversas, também não é nosso objetivo detalhar o que o Novo Testamento diz sobre o batismo. Outros já o fizeram e o continuarão fazendo com muito mais competência. Isso todavia não significa

---

(3) 8. ed., São Leopoldo, 1984, p. 22.

(4) **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, 20(3), 1980.

(5) G. BARTH, Die Taufe im Neuen Testament, in: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, 6(2/3):72-86, 1966; W. HÜFFMEIER, Batismo-meio de salvação ou selo de justificação, in: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, 13(2):61-79, 1973; G. BRAKEMEIER, Teses referentes à compreensão e à prática do batismo, in: ..... **Enfoques exegéticos**, São Leopoldo, 1980, p.49-60.

(6) CONIC/CEDI ed., **Batismo, eucaristia, ministério**, Rio, 1983.

(7) J. JEREMIAS, **Hat die Urkirche die Kindertaufe geuebt?**, 2.ed. Göttingen, 1949; G. BRAKEMEIER, op. cit.

(8) BRAKEMEIER, p. 58.

(9) W. MARXSEN, Zur neutestamentlichen Begründung der Taufe, in: ..... **Der Exeget als Theologe**, Gütersloh, 1968, p.226-245.

que os resultados alcançados até hoje não sejam importantes para o enfoque a que nos estamos propondo. Muitos resultados simplesmente terão que ser pressupostos sem discussão e sem demais detalhes. Eles sempre de novo deverão lançar luzes sobre o nosso enfoque específico e servirão de uma espécie de balizamento nesta reflexão.

Me propus a refletir sobre um aspecto do batismo que assim se evidencia: tem sido, no mínimo, relegado a um segundo plano especialmente no ensino e na prática a nível de comunidade. Trata-se da pergunta pela sua dimensão missionária.

## **II — DIMENSÃO MISSIONÁRIA**

Quando falamos em dimensão missionária não estamos pensando no uso (e no abuso!) que se fez tanto na Era Constantina como à medida que novos países foram sendo descobertos a partir do final do século XV, quando grupos, tribos e povos inteiros, conquistados à força, eram levados — da mesma forma à força! — ao batismo. Por mais que todas estas campanhas tenham sido ou sejam qualificadas e louvadas como campanhas missionárias, elas foram, antes de mais nada, a forma de fortificar a própria igreja bem como ao poder a quem esta igreja estava aliado. A dimensão missionária do batismo não se restringe ao simples crescimento numérico da Igreja Cristã, quer de uma igreja particular, quer da igreja compreendida no sentido amplo e abrangente. Se aqui perguntamos pela dimensão missionária do batismo, então isso pode ser resumido na seguinte pergunta: O batismo é também envio do batizando? Em outras palavras: Quem é batizado apenas recebe alguma coisa ou ele, junto com o receber, é também encarregado de participar da missão da igreja?

### **1. Igreja é missionária por natureza**

Se hoje nos parece quase que óbvia a afirmação teológica de que a igreja é missionária, isso não nos deveria desviar do questionamento. Houve épocas de intensa atividade missionária; houve períodos de paralização missionária, baseada na afirmação teológica de que a missão é uma questão do próprio Deus, fenômeno que encontramos, por exemplo, na ortodoxia luterana; não raro a missão foi e é encarada como uma entre outras tarefas e ati-

vidades da igreja, tanto que grupos, ordens ou sociedades missionárias eram e ainda são encarregadas da atividade missionária; outras tantas vezes missão é compreendida como aquela atividade da igreja que se esforça no sentido de aumentar o número de membros, ainda que no caminho do proselitismo puro e simples. O intrigante em todas estas definições é o fato de que se faz uma espécie de distinção entre a igreja constituída e estabelecida e a sua tarefa missionária que alguém, especialmente encarregado, realiza.

Entretanto, o Novo Testamento é claro em suas afirmações no sentido de que **ser missionária** não é apenas um aspecto, uma tarefa ou talvez até um favor que a igreja presta a determinadas causas; muito pelo contrário: missão faz parte da essência da igreja, isto é, a igreja só é igreja na medida em que ela for missionária(10). Segundo o Novo Testamento nem ao menos compete à igreja discutir a questão se ela deve ou não ter atividade missionária. A própria pergunta já está errada. Mas tanto a história da igreja, como a história da teologia, como ainda a nossa prática de igreja evidenciam que isso não está tão claro assim. Aliás, parece que uma das coisas mais difíceis é nós entendermos em suas conseqüências práticas a essência missionária da igreja.

Neste contexto é importante chamar a atenção para o fato de que missão vai além de evangelização no sentido tradicional e que vai além de uma pregação que tem como objetivo a conversão de pessoas. A Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento, nos mostra um ser humano todo criado e amado por Deus, um ser humano que vive, se alegra e sofre, que ajuda a criar estruturas e que também é vítima de estruturas — este ser humano concreto é o objetivo de Deus e, em decorrência, da missão de sua igreja, conquanto ela queira permanecer sendo sua igreja.

Cabe aqui a pergunta: Se a igreja já é missionária em sua essência, há alguma razão para se perguntar pela dimensão missionária do batismo? Não se poderia ficar tranqüilo com a eventual explicação de que o batismo é uma prática da igreja e para a igreja? A verdade é que o próprio Novo Testamento deixa muito

---

(10) F. HAHN, *Das Verstaendniss der Mission im Neuen Testament*, in: **Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament**, v. 13, Neukirchen, 1963; J. BLAW, **A natureza missionária da igreja**, São Paulo, 1966.

claro que o batismo tem uma dimensão missionária e que não é indiferente para a vida da igreja se este aspecto é valorizado ou não. Muito pelo contrário, o uso indevido dos sacramentos, o seu uso apenas em favor da instituição eclesiástica, tem conseqüências funestas. Walter Altmann, em palestra intitulada **Sacramentos — berço ou túmulo da comunidade cristã**(11), procura apontar para algumas dessas conseqüências. Tentaremos ver adiante alguns abusos a que também o batismo é submetido em nossa igreja. Neste momento, porém, os convido a olharmos como o Novo Testamento entende o batismo, especialmente neste aspecto.

## 2. Batismo — sacramento missionário

O Novo Testamento não apresenta uma doutrina uniforme e monolítica sobre o batismo(12), aliás, a rigor ele nem apresenta uma doutrina como nós o costumamos entender. Há, isso sim, uma série de afirmações em relação ao batismo, afirmações que estão lado a lado e que não representam alternativas que se excluem reciprocamente. Ao que tudo indica, o que se afirma sobre o batismo no Novo Testamento constituem reações à prática já existente nas comunidades. Em outras palavras: Antes de Paulo e outros se referirem ao batismo em seus escritos, este já era praticado nas comunidades(13). A necessidade de corrigir ou ampliar a sua compreensão é que levou pessoas a se referirem ao batismo em seus escritos.

Sem entrar no respectivo mérito, tento alinhar apenas alguns dos aspectos do batismo que encontramos testemunhados no Novo Testamento.

O batismo tem caráter escatológico, isto é, ele está relacionado com a vida futura, com o Reino de Deus futuro (Rm 6. 8-9);

O batismo tem caráter soteriológico, isto é, ele é instrumento de salvação, tanto que o batizando participa da morte e da ressurreição de Jesus (Rm 6.3ss; Cl 2.12);

---

(11) In: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, 20(3):127-142, 1980.

(12) MARXSEN, p. 234.

(13) MARXSEN, op.cit.; G.BORNKAMM, *Taufe und neues Leben bei Paulus*, in: *Das Ende des Gesetzes*, Muenchen, 1952, p. 37, nota 5.

O batismo tem caráter constitutivo de igreja, isto é, através do batismo o batizando é inserido no corpo de Cristo, sendo feito membro deste corpo (I Cor 12.13);

Através do batismo é concedido o Espírito Santo (I Cor 12.13; Atos 2.38 e outros), “o que não significa outra coisa do que isso, a saber, que lhe foi dada a liberdade — a liberdade do poder do pecado e da morte”(14);

O batismo concede perdão do pecado (I Cor 6.11; Ef 5.26), o que é sinalizado pela água;

No batismo o batizando é revestido pelo Cristo (Gl 3.27) o que equivale a dizer que, agora, o batizando tem nova identidade e deve oferecer os membros de seu corpo como instrumentos de justiça (Rm 6.13);

O batismo é chamamento, é vocação para o serviço de Deus. “Jesus chama as pessoas a desempenharem uma missão neste mundo” (Lc 9.60)(15).

O ser batizado na morte e na ressurreição de Jesus não coloca o cristão acima do mundo ou fora do mundo, mas dentro do mundo no qual ele deverá testemunhar e viver a sua fé (Jo 17.18, 1 Pe 1.3-4.19). Quem é perdoado, justificado é colocado no serviço de Deus, o que equivale a dizer que ele não é perdoado, justificado, salvo, para si mesmo (Gl 5.16, 25). Nas palavras lapidares de Rudolf Bultmann: “O indicativo fundamenta o imperativo”(16), o que quer dizer em outras palavras: A graça concedida no batismo não é uma graça barata, ela não pode ser bagatelizada, ela já traz consigo o envio. “Na qualidade de uma atualização sacramental do evento de Cristo, o batismo coloca a base da existência cristã”(17) e nesta existência cristã entra o homem todo(Rm 6.12-13).

Propositadamente me propus a lembrar em separado aquele texto neotestamentário que é lido quase sempre por ocasião do batismo e isso não só nas igrejas luteranas. Trata-se de Mateus 28.18-20, passagem conhecida pelo título de “Grande comissão”. Os

---

(14) R. BULTMANN, *Theologie des Neuen Testaments*, 3.ed., Tübingen, 1958, p.335.

(15) BRAKEMEIER, p. 37; L. WEINGAERTNER, Culto e missão, in: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, 8(1): 12-13, 1968; E.L. BRAND, **Batismo — uma perspectiva pastoral**, São Leopoldo, 1982, p. 33 e 41.

(16) BULTMANN, p. 335.

(17) BORNKAMM, p.41.

discípulos recebem a ordem de fazer missão, isto é, de levar adiante o Evangelho de Jesus Cristo. Este levar adiante não era propriamente a coisa mais fácil, tanto que o próprio Jesus alerta em outra passagem: “Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos” (Mc 10.16a). Qual é a tarefa dos discípulos? Fazer discípulos, batizar e ensinar — e este ensinar não é outra coisa do que transmitir a boa nova do Evangelho que tem algo a ver com a vida concreta, que tem conseqüência na vida concreta. E mais: os doze discípulos não representam um produto final, uma espécie de grupo híbrido que não tem continuidade. Muito pelo contrário: A ordem de fazer discípulos continua sucessivamente. Nas palavras de Tomás de Aquino: “Somos enviados pelo mesmo amor, com a mesma força, na mesma categoria em que o Filho foi enviado”(18). Batismo-chamamento-envio ou encargo: em si as duas faces da mesma grandeza.

Estes poucos comentários a respeito de passagens do Novo Testamento não deixam dúvidas sobre o caráter eminentemente dinâmico do batismo. Ele, como elemento constitutivo de igreja tem por sua vez como elemento constitutivo seu, o envio, a missão. É interessante como sempre de novo, ao menos a nível de reflexão teológica, se tentou tirar estas conseqüências. Assim Lutero afirma que “a vida cristã não é outra coisa do que um batismo contínuo” (**Christiana vita nihil aliud est quam perpetuus baptismus**)(19). O teólogo alemão Ernst Wolf tira as conseqüências da dimensão ético-missionária do batismo com as seguintes palavras: “Todas aquelas passagens do Novo Testamento que falam do “colaborador” (1 Cor 3.9; 1 Ts 3.2; Col 4.11; 3 Jo 8 e talvez também 2 Cor 1.24) expressam — não apenas em relação aos apóstolos — a presença do cristão no agir de Deus no mundo através do cristão e não o agir de Deus nele, no homem, para a sua [própria] salvação”(20). A presença do cristão no agir de Deus no mundo vai além das paredes e dos muros da própria igreja. Cito mais uma vez Ernst Wolf: “O cristão e a igreja agem de maneira diferente do que o mundo, mas por causa da ordem de corresponsabilidade renova-

(18) Apud: J. LOEW, **Vocês serão meus discípulos**, 2.ed., São Paulo, 1981, p. 180.

(19) WA 30 I, 22.

(20) Der getaufte Mensch als Mitarbeiter im Versoehungshandeln Gottes an der Welt, in: Aussenamt der Evangelischew Kirche in Deutschland, ed., **Taufe- Neues Leben-Dienst**, witten, 1970, p.33-45.

da em favor do mundo de Deus, [cristão e igreja] devem estar abertos a cooperar com não-cristãos em muitas áreas”(21).

A pergunta é se nós cristãos individualmente, se nós cristãos como igreja, como corpo de Cristo, estamos dispostos a tirar as conseqüências deste caráter de chamamento, de envio, de serviço, que é, o caráter missionário. Se é que batismo e missão estão interligados e se é que a natureza da igreja é missionária, então não há como fugir. E é interessante a interrelação que se estabelece: O cristão não é missionário individualista, isto é, sem estar inserido no corpo, na igreja e, por sua vez, a igreja não é aquela massa dentro da qual e atrás da qual o cristão individual se poderia esconder para fugir à responsabilidade. Há uma reciprocidade e interação entre o chamamento e o envio individual no batismo e a natureza missionária da igreja como um todo (1 Pe 2.1-10).

A partir destas constatações se levantam muitas perguntas em relação à nossa prática de batismo e em relação ao que se ensina sobre este batismo. Demos uma olhada em nossa prática e em nosso ensino.

### 3. A nossa prática batismal

#### 3.1. O batismo como instrumento de pressão

Walter Altmann em sua palestra já mencionada(22) afirma: “Suspeito que a razão seja que o batismo de lactentes é o meio mais eficaz de manter os membros na igreja institucional, mesmo quando já bastante indiferentes”. Eu até arrisco a ir um pouco mais adiante, dizendo que a prática atual do batismo de infantes é muitas vezes uma forma de pressionar famílias a colocarem em ordem os seus compromissos financeiros com a sua comunidade. Ora, em última análise esta é uma das poucas oportunidades concretas de uma comunidade exercer pressão deste tipo sobre o membro. A outra é o enterro, momento em que também se colocam as coisas em dia para evitar um escândalo ou falatório qualquer(23). De forma especial nossas comunidades rurais usam ainda a confirmação também como elemento de pressão.

(21) *ibidem*, p.53ss

(22) *Op. cit.*, p.140.

(23) A. DROOGERS. **Religiosidade popular Luterana**, São Leopoldo, 1984, p.54.

Mas, como se explica que o batismo se presta a ser elemento de pressão? André Droogers, em sua pesquisa realizada em comunidades do estado do Espírito Santo (24) obteve diversas respostas que, sem dúvidas, são extensivas, ao menos em parte, a bom número de comunidades da IECLB. Existe o receio de que não haja salvação para uma criança não batizada. Foi ensinado às pessoas que a criança não batizada é pagã e isto é uma qualificação negativa. Entretanto, o mecanismo de pressão é mais forte, pois “antigamente (...) pastores se recusavam a enterrar crianças não batizadas ou o fizeram sem talar. Parece que os pastores estimularam os pais a pedir o batismo logo após o nascimento” (25). Pessoalmente, no início do pastorado, me defrontei com a prática de que o sino não era batido quando falecia uma criança não batizada. Aliás, é neste contexto que vamos encontrar o nascedouro do assim chamado batismo de emergência.

### **3.2. O batismo como ato individualista e individualizante**

Sem dúvida o batismo tem em vista o indivíduo com suas características inconfundíveis. Mesmo que no dia do batismo haja mais de uma criança, o batismo continua sendo individual, o que não precisa significar que ele seja contrário à comunhão. Diversos tipos de práticas, porém, transformaram o batismo em individualismo. Na década de 60, na comunidade de Brusque (SC) o batismo era realizado fora do culto, em horários marcados individualmente para cada família, sendo que o horário mais cobiçado era o de sábado à tarde, uma espécie de horário nobre. Não sei até que ponto ainda existem práticas assim em comunidades nossas. Em minha comunidade natal, São Bento do Sul (SC), a pedido, as crianças eram batizadas em casa, o que pode ser conferido nos respectivos registros. Aqui em São Leopoldo até há poucos anos os batismos ocorriam após o culto. Além de pais e padrinhos estavam presentes, às vezes, as crianças do culto infantil. Nos três exemplos de prática de batismo as comunidades não tomavam conhecimento do batismo e dos batizados e suas famílias. Apenas a título de curiosidade, mais um exemplo: Na comunidade de Aha (Alemanha), toda uma procissão de batismo entra na igreja somente

---

(24) *Ibidem*, p. 53ss.

(25) DROOGERS, p. 53.

após a prédica, para o ato de batismo. Segundo me disseram isso é prática bastante corrente. O fato de em **Nossa fé-nossa vida** constar expressamente que “batizamos na igreja, durante o Culto, ou excepcionalmente, em qualquer outro lugar, mas sempre na reunião com os irmãos”(26) denuncia a prática individualista do batismo.

Ainda que talvez este tratamento personalizado (!) não seja o único responsável, não resta dúvida de que ele contribuiu e contribui no sentido de que igreja não passe da soma de indivíduos que pouco querem uns com os outros. Nesta igreja também a vontade de Deus é individualizada e transformada em simples moral. Tento ilustrá-lo com um pequeno exemplo. Em nossas comunidades se estudam também os dez mandamentos. O quinto mandamento ensina: “Não matarás”. A consequência primeira é esta: O cristão não deve matar, o que não está certo. O erro acontece quando cristãos que não matam e não querem matar, por assim dizer de indivíduo para indivíduo, dormem tranqüilos enquanto no Terceiro Mundo grassa um verdadeiro genocídio. Nossa interpretação e uso induzem apenas a não fazer certas coisas, quando na verdade o batismo envia “na mesma categoria em que o Filho foi enviado” (Francisco de Assis).

### 3.3. O batismo a serviço da instituição

Uma das decorrências do que procurei expor nos dois últimos itens é que o batismo se relaciona mais com a instituição do que com o Evangelho. O batismo é instrumento de membresia na instituição. Em outras palavras: Se estabelece uma espécie de vínculo entre sócio e sociedade prestadora de serviços. Pessoas pertencem à instituição igreja para, assim, terem direito a um atendimento quando isso se fizer desejado ou necessário. A instituição é prestadora de serviços e como tal ela precisa ser mantida e até fortalecida. Por isso, ainda que a contragosto, muitas pessoas contribuem financeiramente, quando na verdade a contribuição deveria ser espontânea e com fim missionário.

Eu estou certo de que minhas afirmações não podem ser generalizadas. Da mesma forma, porém, estou certo — e a realidade no-lo ensina! — da amplitude deste tipo de prática de batismo.

---

(26) p.22.

Naturalmente aqui se levantam algumas perguntas intrigantes: Como é que chegamos a este ponto? Por que continuamos mantendo usos que descaracterizam o batismo em sua essência? Como romper este círculo vicioso?

Não há espaço para, aqui, retornar na história e descobrirem as pegadas de todo um processo que contribuiu para que chegássemos onde estamos. Vimos o quanto, por exemplo, pastores forçaram pais a batizarem seus filhos. Na verdade não é só na história que vamos encontrar algumas respostas, mas também em muito material em uso em nossas comunidades, bem como na deficiência do ensino secular e do ensino na própria igreja.

#### 4. Nosso ensino

Lutero, no Catecismo Maior, afirma: “Cumpre tenha cada cristão pelo menos uma instrução geral e breve sobre eles [os sacramentos], visto sem eles não ser possível que haja cristão, ainda que até agora, infelizmente, nada se ensinou a respeito”(27).

Esta situação não está muito diferente meio milênio depois. O IX Concílio Geral da IECLB realizado em outubro de 1974 constata: “Os membros conhecem pouco a mensagem cristã e a história da Igreja e falta-lhes o confronto constante com o Evangelho, que lhes possibilita decisões próprias em cada nova situação”(28). O ensino confirmatório é, na esmagadora maioria de nossas comunidades, o único ensino sistemático e por tempo maior, o que nem de longe significa que ao menos aqui as coisas estejam em ordem. Muito pelo contrário. O documento **Discipulado permanente-catecumenato permanente** esclarece em sua introdução: “A necessidade de uma reflexão (...) originou-se na verificação da insuficiência do ensino confirmatório na IECLB”(29). Pois bem, este documento também foi levado ao IX Concílio Geral da IECLB.

Entretanto se falamos em ensino deficiente temos que olhar não apenas a sua forma, freqüência e faixa etária e sim, também o seu conteúdo. Eu os convido a olharmos alguns exemplos de material em uso na IECLB, destacando a questão do batismo. A per-

(27) In: **Livro de Concórdia**, São Leopoldo, 1980, p.474.

(28) In: G. BURGER, ed., *Quem assume esta tarefa?*, São Leopoldo, 1977, p. 79.

In: G. BURGER, ed., *Quem assume esta tarefa?*, São Leopoldo, 1977, p.79.

(29) BURGER, p. 87.

gunta muito simples é esta: O que o material à nossa disposição para as comunidades ensina sobre o batismo, mormente sobre a sua dimensão missionária? Vejamos alguns exemplos.

#### 4.1. Primeiro exemplo

Há poucos anos todos os pastores de nossa igreja receberam da Alemanha um livro muito atrativo na maneira de apresentar os assuntos para o ensino confirmatório(30). Na parte que se refere ao batismo se apresenta o caso em que um jovem na idade de ser confirmado ainda não tinha sido batizado. O batismo acontecido um pouco antes da confirmação é relatado pelo próprio jovem, pelo pastor e pelos pais do jovem.

Ouçamos o batizando falar, respondendo à pergunta de um amigo: “Imagina: eles mandaram eu ser batizado! Assim com água, pastor, igreja... Bem chato eles não me terem regado quando bebê. Tive que ir para a frente, para junto da pia [batismal], baixar a cabeça e ele, com a mão...” “O quê?”, pergunta o amigo. “Ah, o pastor tomou água com a mão e falou qualquer coisa. Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Além disso ele colocou a sua mão na minha cabeça e murmurou algumas palavras. Essas eu não entendi bem. Eu já tinha ido conversar com ele uma vez por causa do ensino e aí ele me disse tudo isso. O que é batismo. A questão de Espírito Santo e assim por diante. [Disse] também que a gente então pertence à igreja e que ganha um novo pai. Sinceramente, o meu velho já me é suficiente”.

Ouçamos como o pastor comenta a questão toda: “Eu gostaria de ter batizado o Klaus no culto de confirmação. Afinal, ele praticamente já participou do ensino confirmatório com seus amigos e o que para estes significa a confirmação, isto estaria implícito para o Klaus em seu batismo. Os jovens que já estão batizados e que agora são confirmados, dão a sua anuência ao batismo, o que, no passado, os seus pais tinham feito (...) por eles. Klaus poderia dar a sua anuência imediatamente ao próprio batismo. Aliás, eu lhe expliquei tudo isso, mas os seus pais insistiram em que o batismo fosse ainda antes [da confirmação]. Eu concordei. Agora posso repetir ao Klaus o que já lhe disse por ocasião do batismo, a saber: Deus deseja estar perto de ti e está aí para ti e tu és

(30) H. REIMER et H. RELLER, ed., **Leben entdecken**, Hannover, 1981.

bem-vindo na comunhão dos cristãos. Ele, por sua vez, poderá reforçar o seu sim.”

Finalmente, os pais do jovem justificam a sua posição: “Teria sido muito desagradável para nós se o nosso Klaus tivesse sido batizado no culto de confirmação. Na verdade ele deveria ter sido batizado como criança pequena, mas, primeiro a nossa casa era pequena demais para a festa e além disso as nossas finanças não andavam bem. Depois nós mudamos e não mais tivemos contato com a igreja, tanto que o batismo simplesmente não aconteceu. Mas agora, diante da confirmação, tivemos que pôr a coisa em ordem. O pastor falou que batismo e confirmação deveriam coincidir. Nós, porém, gostaríamos que também para o Klaus tudo corresse normalmente, bem como nós tínhamos imaginado há anos: primeiro o batismo e depois a confirmação. Assim também foi possível entregar-lhe o versículo que em nossa família sempre fez parte do batismo. E no dia da confirmação não transparece que nós tínhamos esquecido algo”(31).

Estes três posicionamentos, ainda que fictícios em sua letra, retratam uma dura realidade no que toca ao batismo em sua prática. Aliás, aos menos avisados é bom deixar claro que o mesmo tipo de motivação pode estar e muitas vezes está por detrás do batismo de infantes. Além disso é necessário mencionar que em outro lugar do livro em questão se fala do discipulado, mas sem que se faça menção ao batismo.

#### 4.2. Segundo exemplo

Em 1975 todos os pastores então em serviço na IECLB receberam, também da Alemanha, o **Evangelischer Erwachsenen Katechismus**, sem a menor dúvida um esforço respeitável de facilitar assuntos teológicos a pessoas não versadas nesta área. Nesta obra são dedicadas vinte e seis páginas ao batismo. Entretanto o aspecto missionário, de chamamento e de envio, se restringe à citação de um trecho das palavras de Lutero sobre o batismo em seu Catecismo Menor(32), palavras que veremos adiante. Entre explicações muito boas de outras dimensões do batismo, vamos constatar uma forte acentuação do batismo como ato de incorporar na igreja. E

(31) REIMER/RELLER, p.44.

(32) W. JENTSCH et alii, ed., **Evangelischer Erwachsenenkatechismus**, Gütersloh, 1975.

quem, por acaso, procurar pela dimensão missionária do batismo no contexto da confirmação, também não a encontrará. O batismo está — acentuadamente — em função e a serviço da igreja constituída.

### 4.3. Terceiro exemplo

Em nossa igreja está em uso o **Manual de Ofícios** que já celebra seu vigésimo aniversário. Provavelmente a parte mais usada é a do batismo. Se olharmos para a pequena alocução e para as orações nós vamos identificar os seguintes aspectos do batismo:

- a) Através do batismo o batizando é inserido na igreja;
- b) O cristão precisa lutar contra o mal, o pecado e a morte através de oração;
- c) Pede-se — na oração — que Deus guarde em suas mãos a criança agora batizada ou a batizar;
- d) Pede-se por sabedoria, amor e paciência para a educação do batizando;
- e) Pede-se por crescimento na fé (agora para a comunidade) e por capacidade para reconhecer o consolo e a alegria do batismo;
- f) Somente no contexto da bênção à mãe (aos pais) é que aparece, em uma formulação abstrata, uma alusão ao compromisso que significa o ser batizado: “(...) a fim de que se torne um homem de Deus, apto e pronto para toda boa obra” (33). Em todos estes itens não há nada de propriamente errado do ponto de vista teológico. Errada me parece a omissão, pois não se fala explicitamente que este batismo é também um ser chamado, um ser colocado no serviço de Deus no mundo.

### 4.4. Quarto exemplo

Nosso guia de vida comunitária **Nossa fé-nossa vida**, embora não omita a dimensão missionária, fica em palavras e formulações bastante abstratas e difíceis, muitas vezes repetindo as palavras de Rm 6 e Mateus 28. 18-20. Cito, para ilustrar, ao menos o

---

(33) São Leopoldo, 1964, p.14.

início: “Batizamos porque Deus quer dar nova vida a todos. Cristo nos deu a Grande Comissão, a tarefa de tornar discípulos a todos, batizando-os em nome do Deus triúno, e ensinando-os a guardar todas as coisas que Cristo ordenou”(34).

#### 4.5. Quinto exemplo

Em um grande número de comunidades está em uso o Catecismo Menor de Lutero. Em quatro passos Lutero explica o batismo. No quarto passo ele pergunta pelo significado do batizar com água, explicando a seguir: “Significa que o velho homem em nós, por contrição e arrependimento diários, deve ser afogado e morrer com todos os pecados e maus desejos, e, por sua vez, sair e ressurgir diariamente novo homem, que viva em justiça e pureza diante de Deus eternamente” (Lutero aqui se baseia explicitamente em Rm 6.4)(35). Somente uma explicação muito bem feita é que pode deixar claro que não se trata apenas de uma relação entre o indivíduo e seu Deus e que “justiça e pureza diante de Deus” não se realizam na medida em que o indivíduo se afasta do mundo e dos homens. Infelizmente em muitos lugares os confirmandos apenas decoram partes do catecismo sem receberem a explicação adequada.

#### 4.6. Sexto exemplo

Já um outro material em uso na IECLB, **Ensino Confirmatório**(36), faz claramente a ligação entre o batismo e o servir do cristão. É interessante constatar que esta relação não acontece na parte que fala explicitamente do batismo, mas sim alguns capítulos adiante sob o título “nós vivemos a nossa fé”. Esta mesma relação não é tão explícita em outro material que tem seus méritos e que é usado também em muitas comunidades. Refiro-me ao material **A estrada da vida**(37).

#### 4.7. Sétimo exemplo

Em 1981 foi publicado pelo Centro de Elaboração de Material de nossa igreja um caderno com o título: **A comunidade e suas**

---

(34) p. 21.

(35) Livro de Concórdia, p. 376.

(36) **Assim é a nossa fé**, 5. ed., São Leopoldo, 1984, p.44.

(37) São Leopoldo, 1983, aula n.53, p. 251ss.

**crianças batizadas**(38). Embora de uma maneira muito tímida, no final fica claro que o batismo tem na missão da igreja uma de suas partes integrantes. Cito este final: "A preocupação da comunidade deve ir no sentido de ajudar as crianças a compreenderem que a fé tem uma ligação com aquilo que acontece e fazemos no dia-a-dia. Que a fé ajuda a gente a sair de si mesmo para ir ao encontro do outro, para entender o que acontece ao nosso redor e que podemos passar adiante o amor que a gente recebe de Deus"(39). Ainda que neste trecho citado o conceito batismo não apareça uma só vez, a relação é clara, pois o título reza: "Batismo — uma resposta para a vida".

O material do CEM ainda sofre de um grande inconveniente: Fica estocado aqui em São Leopoldo, em secretarias de comunidades e escritórios de pastores. Verdade é que muitas vezes a sua linguagem é de difícil acesso.

Estou cômico de que a análise é parcial. Tentei seguir pegadas da dimensão missionária do batismo naquele material que, na IECLB, é o mais usado, e neste material — assim julgo constatar — falta energia e falta garra no destaque e na ênfase de uma dimensão vital do batismo com o qual fomos batizados. Sempre de novo, justamente este traço parece que é soterrado sob os outros aspectos e dimensões, sem dúvida também importantes e teologicamente corretos do batismo.

## 5. Um documento ecumênico

Antes de concluir, eu gostaria de ainda chamar a atenção para um documento de estudos muito atual no cenário ecumênico. Refiro-me ao estudo conjunto de diversas igrejas sobre o Batismo, a Eucaristia e o Ministério(40). Neste documento que está sendo proposto para estudo também dentro da IECLB, se procura destacar a relação intrínseca entre batismo e missão da igreja no mundo. Ouçamos um pequeno trecho: "Crescendo na vida da fé, os crentes batizados manifestam que a humanidade pode ser regenerada e libertada. Eles têm a responsabilidade comum de aqui e agora, prestarem testemunho conjunto do Evangelho de Cristo, o liberta-

---

(38) Temas atuais da IECLB, cad. 6.

(39) Temas atuais, p. 15.

(40) Conic/Cedi, Rio, 1983.

dor de todos os seres humanos. O contexto deste testemunho comum é a Igreja e o mundo. Nesta comunhão de testemunho e serviço, os cristãos descobrem a plena significação do único batismo como dom de Deus a todo o seu povo. Do mesmo modo, eles reconhecem que o batismo na morte de Cristo tem implicações éticas, que não somente chamam à santificação pessoal, como também empenham os cristãos na luta para que se realize a vontade de Deus em todos os setores da vida (Rm 6.9ss; Gl 3.26-28; 1 Pe 2.21-4.6)''(41).

### III — CONCLUSÃO

Há evidências de que a prática do batismo na igreja levou a um estreitamento, a uma espécie de mutilação daquilo que é testemunho do Novo Testamento. No decorrer da história a missão foi sendo delegada a grupos, ordens ou instituições. A comunidade, a massa dos membros, foi se satisfazendo consigo mesma. Não é de admirar que também em relação ao batismo o aspecto missionário foi sendo omitido sempre mais, em decorrência do que ele se transformou em um sacramento para a instituição, a serviço da instituição e mantenedor da instituição.

Hoje tanto o batismo como a santa ceia se encontram em uma espécie de crise, crise esta que é o reflexo de uma crise maior da própria igreja(42). Estamos diante de um barateamento dos sacramentos; ainda que não haja interesse e participação na igreja, o batismo dos filhos continua sendo uma exigência tanto social como religiosa; a santa ceia uma obrigatoriedade à qual a gente se submete uma vez por ano. Tanto o aspecto comunitário quanto o aspecto de compromisso missionário são omitidos em ambos os casos. Esta realidade, por sua vez, leva ao desânimo aqueles que se sabem comprometidos.

Não resta a menor dúvida de que o batismo de infantes tem uma grande parcela de culpa neste automatismo batismal(43). Entretanto, também o batismo de adultos tem toda uma série de problemas. Também adultos se submetem a convenções sociais ou religiosas que no fundo não lhes interessam, mas que podem ser

---

(41) p. 18.

(42) ALTMANN, p. 141.

(43) BRAKEMEIER, p. 58.

úteis na sociedade em que se vive. Por outro lado, somente a conversão também é uma base estreita para o batismo (44).

Embora não existam fórmulas prontas, creio que é possível divisar algumas pistas importantes nesta caminhada.

É preciso que em nossas comunidades se saiba e se aceite que o batismo de adultos é uma possibilidade legítima. Só assim especialmente os pais desinteressados não mais se sentirão constrangidos a batizarem seus filhos infantes. A partir desta abertura, poder-se-á, por outro lado, tomar a sério o que até aqui não vai muito além de letra morta, a saber, o que está escrito em nosso guia de vida comunitária onde se lê: "Exercendo a sua responsabilidade, o Presbitério com o pastor podem negar a realização do Batismo. Evitarão que seja menosprezado este grande dom de Deus por ignorância e indiferença, por incredulidade e mero costume. Negarão a realização do Batismo onde houver falta de sinceridade na profissão de fé, onde houver falta de participação na missão da comunidade"(45).

É mister que haja todo o empenho para que o batismo seja celebrado em seu lugar vivencial e único lugar legítimo, isto é, dentro do culto da comunidade(46). Mas, o batismo deve ser objeto de pregação e reflexão também naqueles cultos em que não há realização de batismos. Em todas estas oportunidades é preciso que se destaque não apenas o dom da graça que é concedido através do batismo, mas também o compromisso missionário que este batismo implica. Neste contexto pode-se pensar em formas litúrgicas para celebrar em culto a reafirmação do batismo, a fim de que o sim ao batismo não fique restrito à confirmação.

Todavia, as limitações da pregação em culto são conhecidas. A proposta de discipulado permanente deve voltar à discussão e ser posta em prática, isto é, devem ser incentivados e criados grupos de estudo e reflexão na comunidade.

Urge que, em todas as comunidades, pais e padrinhos bem como batizando adultos sejam preparados em cursos regulares e seminários.

---

(44) W. BUCHWEITZ, **Batismo-conversão**, in: Estudos Teológicos, São Leopoldo, 20(3):143-153, 1980.

(45) Nossa fé - nossa vida, p. 26.

(46) Batismo, eucaristia, ministério, p. 23.

Estou ciente de que existem outras possibilidades. Estou ciente da mesma forma de que “por nossa própria razão ou força não podemos crer em Jesus Cristo e nem vir a ele, mas que o Espírito Santo nos chama...” (Lutero). Por outro lado, vale também aqui a observação que o eunuco no caminho de Jerusalém a Gaza fez a Felipe: “Como poderei entender, se alguém não me explicar? (At 8.31a). E eu temo que nós por demais vezes temos colocado entulho no caminho do Espírito Santo, por exemplo, dando explicações parciais ou até oportunistas.